

RECURSOS IMAGÉTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS DO ENSINO MÉDIO: ESTRATÉGIAS E CONTRIBUIÇÕES

Daiane Araujo Avelino Bezerra¹
Cláudia Lúcia Alves²

RESUMO

Este estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Ele investiga a relevância e as contribuições dos recursos imagéticos no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos do Ensino Médio em uma escola em Imperatriz, Maranhão. A pesquisa destaca a importância de adaptar materiais didáticos e práticas pedagógicas às necessidades dos alunos surdos, utilizando recursos visuais que favoreçam a compreensão e promovam o aprendizado. Para este ensaio, a metodologia adotada é uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, embasada em UNESCO (1994), LDBEN (1996), Strobel (2009), Skliar (2013), Alberton (2015), Tagliavini (2016), Silva e Silva (2021), entre outros. Esta abordagem permite uma análise crítica das práticas pedagógicas atuais e identifica lacunas no ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos. Os resultados desta pesquisa indicam que os recursos imagéticos são estratégias promissoras para promover a compreensão linguística e a expressão comunicativa dos alunos surdos. Além disso, esses recursos desempenham um papel único na construção de um ambiente de aprendizado mais inclusivo e envolvente. Em uma era marcada pela digitalização e pela predominância do visual, os recursos imagéticos se tornam ferramentas indispensáveis para aprimorar o aprendizado dos alunos surdos. Neste contexto, as contribuições dessas estratégias vão além do desenvolvimento

1 Mestranda do Curso de Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) - MA, daiane.bezerra@uemasul.edu.br/daianeabezerra@gmail.com;

2 Doutora em Educação da Universidade Federal do Piauí - PI, claudia.alves@uemasul.edu.br;

linguístico, impactando positivamente a educação dos surdos. Elas incentivam a autonomia, fortalecem a autoestima e estimulam a participação ativa dos alunos surdos no processo educacional, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Em tempos de mudanças rápidas e desafios globais, investir em abordagens pedagógicas que valorizem a diversidade e a inclusão é fundamental para assegurar uma educação equitativa para todos, independentemente de suas habilidades auditivas.

Palavras-chave: Recursos imagéticos, Ensino de Língua Portuguesa, Alunos surdos, Estratégias pedagógicas, Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos surdos no ambiente escolar apresenta desafios significativos, especialmente no que diz respeito à comunicação e ao aprendizado da Língua Portuguesa. Esses desafios evidenciam a necessidade premente de explorar estratégias pedagógicas inovadoras que não apenas promovam a compreensão, aprendizagem e desenvolvimento linguístico desses alunos, mas também contribuam para uma educação mais inclusiva e equitativa. Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que visa investigar as contribuições dos recursos imagéticos no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos do ensino médio em uma escola em Imperatriz, Maranhão.

Para tanto, de uma forma geral, pretende-se “investigar as contribuições dos recursos imagéticos no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos do ensino médio em uma escola em Imperatriz, Maranhão”, culminando com a elaboração de sequências didáticas estruturadas e adaptadas, que incorporem de maneira consistente os recursos imagéticos no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos do Ensino Médio. A metodologia da pesquisa adota uma abordagem qualitativa exploratória, utilizando observação, diário de bordo e entrevista como instrumentos de coleta de dados. A pesquisa será conduzida em uma escola pública estadual em Imperatriz, MA, reconhecida por seu comprometimento com o ensino inclusivo e pela atenção à acessibilidade para alunos surdos. Trata-se de um esforço para compreender como tais recursos podem impactar positivamente a educação desses alunos e contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, adequadas e significativas para alunos surdos do ensino médio.

O estudo busca entender como o uso de recursos imagéticos no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos do ensino médio impacta o aprendizado. Além de buscar formas de tornar a aprendizagem mais efetiva e significativa, o objetivo é avançar em práticas pedagógicas que sejam inclusivas e adaptadas às necessidades de cada aluno. Esse estudo não só enfrenta os desafios específicos dos estudantes surdos, mas também abre caminho para enriquecer e transformar o cenário educacional, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e justa.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos delineados neste estudo sobre a importância das estratégias pedagógicas baseadas em recursos imagéticos no ensino da

Língua Portuguesa para alunos surdos do Ensino Médio, foi adotada uma abordagem metodológica embasada na análise teórica e qualitativa. Essa escolha foi feita com o propósito de aprofundar a compreensão das relações entre o uso de recursos imagéticos no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos do ensino médio e as implicações dessas estratégias no contexto educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1.2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ALINHADA ÀS NECESSIDADES DOS ALUNOS SURDOS

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) diz que todos têm direito à educação significando que a educação deve ser adaptada para incluir e respeitar as diferenças de cada pessoa. Para isso, é preciso adaptar as práticas pedagógicas, levando em conta as necessidades de cada um, para que todos possam participar de forma plena no processo educativo. No contexto brasileiro, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/1996, estabelece os princípios fundamentais que devem orientar o ensino no Brasil. Esses princípios são essenciais para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos, incluindo alunos surdos. Conforme estipulado no título II, dos princípios e fins da educação nacional:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

IX - garantia de padrão de qualidade;

XIV - respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva (Brasil, 1996)

Ao analisarmos os princípios fundamentais da educação nacional brasileira, destacados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), podemos compreender melhor o contexto no qual se insere a inclusão de alunos surdos no sistema educacional. O princípio I, que assegura igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, é fundamental para garantir que todos os alunos, incluindo os surdos, tenham acesso à educação em um ambiente inclusivo. No entanto, é importante ressaltar que o simples acesso

à sala de aula não é suficiente. A efetividade da educação para alunos surdos depende da capacidade de atender às suas necessidades individuais, proporcionando um ambiente de aprendizado acessível, adequado e significativo.

Nesse sentido, o princípio IX da LDBEN, que destaca a garantia de um padrão de qualidade na educação, assume grande relevância. Para tanto, garantir esse padrão implica oferecer uma educação de qualidade para alunos surdos significa proporcionar um ensino que atenda às suas necessidades específicas, promovendo sua inclusão e desenvolvimento acadêmico, linguístico e social. Além disso, o princípio XIV da LDBEN, que ressalta o respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária, é crucial para a promoção de uma educação inclusiva. Reconhecer a língua de sinais como uma língua legítima e valorizar a identidade e cultura surda são passos essenciais para garantir ambientes educacionais acolhedores e inclusivos para todos os alunos surdos.

Esse progresso na legislação demonstra o aumento da conscientização sobre a importância de adotar práticas inclusivas que sejam sensíveis às necessidades particulares da comunidade surda. No entanto, é importante ressaltar que a inclusão requer uma abordagem respeitosa e responsável. Tagliavini destaca que “a inclusão sem condições pode se tornar uma forma perversa de excluir e estigmatizar ainda mais os estudantes com deficiência” (Tagliavini, 2016, p. 119). Ao promover práticas inclusivas, é essencial adotar abordagens educacionais que levem em conta as necessidades específicas do povo surdo. Isso vai além da simples presença física dos alunos na sala de aula; é fundamental garantir sua participação integral e um aprendizado significativo. Assim, as estratégias para o ensino de alunos surdos devem ser cuidadosamente planejadas, levando em conta a diversidade linguística, cultural e identitária desse grupo, para garantir uma inclusão autêntica e adequada. Isso envolve a compreensão dos anseios dos movimentos surdos destacados por Quadros.

Os movimentos surdos clamam por inclusão em uma outra vertente. Dá para se perceber que os surdos entendem inclusão como garantia dos direitos de terem acesso à educação de fato, consolidada em princípios pedagógicos que estejam adequados a eles (Quadros, 2012, p. 76).

A autora ressalta a perspectiva dos movimentos surdos sobre a inclusão, destacando a importância de garantir que os alunos surdos tenham acesso a uma educação inclusiva, fundamentada em princípios pedagógicos adaptados às suas necessidades. Isso evidencia a relevância de estratégias educacionais

específicas, como o uso de recursos imagéticos, no ensino da língua portuguesa para alunos surdos, visando atender às suas demandas de forma efetiva e inclusiva. Assim, emerge a necessidade de repensar nas estratégias pedagógicas e recursos específicos que atendam às necessidades dos alunos surdos, promovendo uma educação mais equitativa e de qualidade para todos.

1.3 RECURSOS IMAGÉTICOS: ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS

A aquisição da Língua Portuguesa é essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional de todos, incluindo os alunos surdos, pois ajuda na comunicação, na expressão de ideias e na participação ativa na sociedade.

Entretanto, o ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos apresenta desafios específicos, pois a língua portuguesa é uma língua oral-auditiva. As estratégias tradicionais de ensino, que se baseiam na leitura e na escrita, podem ser pouco efetivas para alunos surdos, uma vez que o componente visual se torna uma ferramenta essencial para a comunicação, a interação social e a expressão da cultura surda.

Para exemplificar essa maneira distinta de interagir e compreender o mundo, podemos recorrer à visão de Strobel (2009), uma pesquisadora surda, que destaca que os indivíduos surdos, privados da audição e do som, experimentam o mundo por meio de sua visão, captando tudo o que acontece ao seu redor:

[...] desde os latidos de um cachorro – que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corpóreo-facial bruta – até uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações ocorridas no ambiente, como objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge (Strobel, 2009, p. 39).

A autora destaca o papel fundamental da visão para os surdos, mostrando que o uso de recursos visuais é essencial para superar barreiras linguísticas, facilitar a compreensão de conceitos abstratos e reforçar a memória visual, promovendo assim o aprendizado de vocabulário e gramática. Acrescenta-se que os recursos visuais permitem que os alunos surdos se expressem de forma autônoma e participem ativamente das aulas, construindo sua própria compreensão da língua. Sobre isso, Alberton (2015) ainda afirma que no contexto educacio-

nal, a importância do visual é ampliada “O aspecto visual da aprendizagem da identidade surda requer mecanismos que tragam aulas marcadas por estratégias visuais, pois o sujeito surdo explora o mundo, faz suas indagações e encontra suas possíveis respostas pelo olhar” (Alberton, 2015, p. 13-14).

A autora destaca a importância do aspecto visual no contexto educacional, especialmente para alunos surdos porque a identidade surda se forma em grande parte pelo sentido visual, pois é assim que os surdos interagem com o mundo, fazem perguntas e encontram respostas. Nessa mesma linha de pensamento, Skliar, em suas pesquisas, corrobora com essa afirmação ao destacar que:

[...] a surdez é uma experiência visual [...] e isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual. Não é possível aceitar, de forma alguma, o visual da língua de sinais e disciplinar a mente e o corpo das crianças surdas como sujeitos que vivem uma experiência auditiva (Skliar, 2013, p. 28).

Skliar afirma que a experiência visual é essencial para os surdos, pois é através dela que eles compreendem o mundo. Como a audição não é o principal sentido, os estímulos visuais são fundamentais para a percepção, cognição e interação dos surdos com o ambiente. Além disso, impor uma perspectiva auditiva aos surdos, especialmente na educação, é inadequado e limitador. Disciplinar a mente e o corpo das crianças surdas de acordo com uma experiência auditiva nega sua realidade sensorial e pode comprometer seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. As pessoas surdas têm uma tendência natural de compreender informações de forma mais efetiva quando são apresentadas de maneira visual, em comparação com textos escritos convencionais. Além disso, no que diz respeito à aprendizagem visual, é primordial reconhecer a predominância da percepção imagética para os surdos, conforme explicita Skliar:

Muitas vezes a caracterização dos surdos enquanto sujeitos visuais fica restrita a uma capacidade cognitiva e/ou linguística de compreender e produzir informação em língua de sinais. A experiência visual dos surdos envolve, para além das questões linguísticas, todo tipo de significações comunitárias e culturais, exemplificando: os surdos utilizam apelidos ou nomes visuais; metáforas visuais; imagens visuais; humor visual; definição das marcas do tempo a partir de figuras visuais, entre tantas outras for-

mas de significações. Ou seja, desloca-se o significado da surdez enquanto perda auditiva para a compreensão da surdez a partir de suas marcas idiossincráticas: a surdez significada como experiência visual, a presença da língua de sinais, a produção de uma cultura que prescinde do som, entre outras (Skliar, 2004, p. 126).

Dessa forma, a compreensão da surdez não se limita à perda auditiva, mas sim à apreciação de suas marcas idiossincráticas, como a experiência visual, a presença da língua de sinais e a formação de uma cultura que não depende do som. Essa perspectiva ampliada da surdez destaca que a aprendizagem dos surdos é predominantemente visual, o que significa que textos longos, com vocabulário complexo, pontuações intrincadas e entonações específicas não são tão eficazes em seu processo de ensino. Além disso, o português geralmente não é a língua natural dos surdos, embora eles precisem utilizá-lo na escrita, seria benéfico desenvolver uma gramática própria relacionada à Libras (Língua Brasileira de Sinais), que é a primeira língua para promover o ensino para surdos. Ao contrário das imagens, que não possuem regras rígidas, classificações formais, normas gramaticais ou ortografia, o português é uma língua estruturada, com uma gramática complexa e regras ortográficas específicas. Nesse sentido, adaptar o ensino do português para incluir elementos visuais e utilizar Libras como base pode promover um aprendizado mais adequado e inclusivo para os alunos surdos.

Nesse contexto educacional, os professores devem atuar como mediadores, auxiliando os alunos surdos a entenderem melhor a Língua Portuguesa e sua estrutura gramatical, enquanto respeitam e valorizam a expressão visual na comunicação. Para isso, é fundamental usar estratégias visuais, como recursos imagéticos, vídeos e exemplos visuais para explicar conceitos gramaticais e linguísticos, tornando o ensino mais acessível e significativo. Ao abordar a língua portuguesa de forma visual e contextualizada, os educadores podem facilitar a aprendizagem e promover a inclusão linguística e cultural dos surdos. Silva e Silva destacam que a visualidade é a chave no processo de aprendizagem dos alunos surdos, desempenhando um papel essencial no ensino.

[...] o fazer pedagógico pautado na experiência visual do aluno surdo favorece a sua inserção na sociedade, sendo extremamente pertinente trazer para as aulas aspectos que estejam diretamente relacionados à sua cultura, respeitando e valorizando a forma como compreendem o espaço e como se utilizam disso para

extrair informações e se comunicar com o mundo (Silva; Silva, 2021, p. 5).

A abordagem pedagógica centrada na experiência visual do aluno surdo desempenha um papel fundamental em sua integração na sociedade. É essencial incorporar em sala de aula elementos diretamente ligados à cultura surda, respeitando e valorizando sua compreensão do espaço e sua forma de extrair informações e se comunicar com o mundo. Lacerda, Santos e Caetano (2011) corroboram com essa perspectiva ao destacar que as práticas pedagógicas inclusivas no contexto da educação de surdos devem reconhecer e aproveitar plenamente suas capacidades visuais. Essa abordagem não apenas promove uma aprendizagem mais significativa e acessível, mas também contribui para uma maior inclusão social e cultural dos alunos surdos, conforme afirmam:

A escola pode colaborar para a exploração das várias nuances da imagem, signo, significado e semiótica visual na prática educacional cotidiana, oferecendo subsídios para ampliar os 'olhares' aos sujeitos Surdos e à sua capacidade de captar e compreender o 'saber' e a 'abstração' do pensamento imagético (Lacerda, Santos; Caetano, 2011, p. 108).

É importante ressaltar que a exploração das várias nuances da imagem, signo, significado e semiótica visual na prática educacional é citada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sob a perspectiva dos multiletramentos, tanto nas competências básicas quanto nas competências gerais. No contexto dos multiletramentos, diferentes formas de linguagem, como verbal, visual, corporal e audiovisual, são entrelaçadas em um processo contínuo de significação contextualizada, dialogando e refletindo aspectos ideológicos. Essa abordagem destaca a importância de utilizar recursos imagéticos, pois eles permitem a integração de diversas linguagens e a construção de significados mais ricos e contextualizados, alinhados com as práticas sociais contemporâneas impregnadas com uma variedade de linguagens. Nessa perspectiva, os recursos imagéticos podem ser uma ferramenta promissora para o ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos. Ao serem utilizados de forma estratégica, os recursos imagéticos podem contribuir para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação, promovendo o letramento tanto para os surdos quanto para os ouvintes.

Os recursos imagéticos ocupam papel de destaque no processo educacional atual, especialmente no contexto dos multiletramentos, então entender o

que são esses recursos e sua importância na prática pedagógica é fundamental para promover uma aprendizagem mais inclusiva e significativa, particularmente para alunos surdos. Silva e Freitas definem o que caracteriza os recursos imagéticos da seguinte forma:

No que concerne ao conjunto de tais recursos visuais [...] é pertinente citar alguns deles como as imagens exibidas via slides no Microsoft Power Point ou Microsoft Word, figuras impressas, os GIFs, os formulários digitais, vídeos curtos, animações, jogos educativos; dentre outros que podem ser utilizados para contextualizar conteúdos escolares tornando mais multimodal e visual a abordagem do docente (Silva; Freitas, 2023, p. 04).

A compreensão e a utilização dos recursos imagéticos são fundamentais não apenas para os alunos surdos, mas também para os ouvintes, especialmente em um mundo cada vez mais inundado por essa linguagem visual. Não há dúvidas quanto ao poder que essa linguagem possui para integrar diversas modalidades de comunicação, sendo uma ferramenta valiosa para o ensino de Língua Portuguesa, tanto para surdos quanto para ouvintes. Esses recursos proporcionam uma representação acessível e inclusiva de conceitos. Além disso, incentivam a criatividade, desenvolvem habilidades multimodais e tornam o conteúdo mais acessível para todos os alunos, incluindo aqueles com deficiências sensoriais. Ao integrar recursos imagéticos no ensino, é possível promover um engajamento mais profundo e uma motivação mais significativa, resultando em um aprendizado mais duradouro para todos os estudantes.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo representa apenas um recorte da pesquisa de mestrado em andamento, que investiga a importância e os benefícios dos recursos imagéticos no ensino da língua portuguesa para alunos surdos do ensino médio. Ao longo deste estudo, exploramos como os recursos visuais podem ampliar a compreensão e a aprendizagem da Língua Portuguesa, promovendo uma educação mais inclusiva e significativa.

A análise revelou que os recursos visuais têm o poder de expandir a compreensão linguística, promover a autonomia dos alunos surdos e tornar o ambiente educacional mais envolvente. Observou-se que as imagens desempenham um papel singular na comunicação e no ensino, beneficiando tanto os

surdos quanto os ouvintes, em um contexto cada vez mais visual. Entre os benefícios destacados ao longo deste trabalho estão a valorização da diversidade linguística e cultural, o estímulo à criatividade, o desenvolvimento de habilidades multimodais, a inclusão e acessibilidade, a preparação para o mundo digital, além do aumento do engajamento e da motivação dos alunos. Também foi enfatizada a necessidade de levar em conta a diversidade linguística e cultural dos alunos surdos ao desenvolver práticas pedagógicas mais adequadas e significativas.

A importância deste estudo está em promover uma educação mais inclusiva e acessível para todos os estudantes, respeitando suas diferentes capacidades sensoriais e linguísticas, destacando a integração estratégica de recursos imagéticos para atender às demandas educacionais dos alunos no contexto atual. Este estudo oferece uma base sólida para futuras pesquisas e práticas educacionais que visam maximizar o potencial de aprendizagem não somente do aluno surdo, mas, de todos os alunos, independentemente de suas características individuais.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, Bruna. **Discursos curriculares sobre educação matemática para surdos**. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BORGES, Inês Matos. **Leitura de imagem: ler e interpretar a Glitch Art**. Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação: Universidade Europeia, 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 23 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 23 março 2024.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de.; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: **Língua brasileira de sinais: libras uma introdução**. São Paulo: UAB-UFSCar, p. 103-118, 2011.

QUADROS, Ronice Muller. (2012). **Inclusão de surdos**: uma das peças do quebra-cabeça da educação. UNIVESP, São Paulo. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47938/1/u1_d24_v21_t05.pdf. Acesso em 24 de março de 2024.

SILVA, Artur Robson dos Santos; FREITAS, Enos Figueredo de. **Recursos digitais e visuais utilizados professores de estudantes surdos na Educação Profissional e Técnica**. Instituto Federal Bahiano: Campus Senhor do Bonfim, 2023.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SKLIAR, Carlos. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos. In: SILVA, Shirley; VIZIM, Marli. **Educação Especial**: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2004.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

TAGLIAVINI. João Virgílio; TAGLIAVINI, Maria Cristina Braga. **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica**: Constituição, Leis e Diretrizes. São Carlos, SP: Edição do Autor, 2016

UNESCO. (1994). **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Prática em Educação Especial**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.